

I ANNO

JANEIRO DE 1882

N.º 1

A ARTE PORTUGUEZA

REVISTA MENSAL DE BELLAS-ARTES

PUBLICADA PELO

CENTRO ARTISTICO PORTUENSE

~~~~~

CONSELHO DE REDACÇÃO

PARTE ARTISTICA — Thomaz Augusto Soller, architecto ; Antonio Soares dos Reis, esculptor ;  
João Marques da Silva Oliveira e Antonio José da Costa, pintores

PARTE LITTERARIA — Joaquim de Vasconcellos e Manoel Maria Rodrigues

~~~~~

PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

66 — RUA DA FABRICA — 66

—
1882

COMPRA
MAR. 1939

A ARTE PORTUGUEZA

REVISTA MENSAL DE BELLAS-ARTES

PUBLICADA PELO

CENTRO ARTISTICO PORTUENSE

CONSELHO DE REDACÇÃO

Parte artistica — THOMAZ AUGUSTO SOLLER, ARCHITECTO; ANTONIO SOARES DOS REIS, ESCULTOR; JOÃO MARQUES DA SILVA OLIVEIRA E ANTONIO JOSÉ DA COSTA, PINTORES

Parte litteraria — JOAQUIM DE VASCONCELLOS E MANOEL MARIA RODRIGUES

PLANO DE UM CURSO DE DESENHO GRADUADO E DE MODELAÇÃO

Elaborado pelo Conselho tecnico

DO

CENTRO ARTISTICO PORTUENSE

Em conformidade com o art. 46.º do Regulamento Interno

SENHORES:

A Commissão por vós nomeada em sessão da Direcção de 15 de dezembro, para elaborar o Programma de um *Curso de Desenho elementar graduado*,¹ vem hoje apresentar-vos o relatorio dos seus trabalhos, concluidos após quatro sessões de demorada discussão, que tiveram lugar a 21 de dezembro de 1880, 12, 19 e 26 de Janeiro de 1881.

A Commissão partiu do principio de que que era necessario adoptar um systema de ensino differente do que tem sido seguido até aqui officialmente, cujo *desideratum* será: a emancipação completa de todos os processos de trabalho puramente mechanicos. Isto importa, naturalmente, a condemnação do uso da *regra* e do *compasso* no desenho elementar.

Segundo a nossa opinião é preciso armar a vista do discipulo com a força da percepção necessaria para analysar, por si só, correctamente, o aspecto dos objectos que se apresentam ao seu exame e adestrar a sua mão de modo que ella possa traduzir essa percepção n'uma imagem fiel e caracteristica.

Com isto não negamos, absolutamente, a utilidade dos instrumentos artificiaes, usados no desenho; que-remos só retardar a sua applicação até que elles possam ser usados sem prejuizo do *instrumento natural* — a vista — porque só este nos ajuda a descobrir os *caracteres* dos objectos e a regular o uso dos outros,

¹ Em satisfação do art. 16 do *Regulamento*:

«Logo que as circumstancias o permittam será annexado ao *Atelier* um curso de desenho graduado e de modelação, devendo esse curso beneficiar não só o ensino elementar artistico em geral, como em especial o da arte applicada á industria.»

que nos podem dar uma cópia servil, mas nunca uma *imagem*.

«Emquanto a criança não souber vêr correctamente, não pensará, não raciocinará correctamente, não procederá correctamente com relação ao mundo exterior», diz o *Regulamento official inglez* (pag. 5).

Posto isto, restava achar um meio ou um processo que iniciasse o discipulo, seguramente, no uso do *instrumento natural*. Depois de uma demorada analyse e de madura discussão, resolvemos adoptar o *systema* de desenho *stigmographico*, tal como se acha applicado no compendio do professor austriaco, o snr. Joseph Grandauer.

Este compendio reúne, segundo o nosso parecer, todas as condições necessarias para um solido ensino, em qualquer parte, mórmente no nosso meio social, em que é preciso recommençar, reconstruir o ensino de uma disciplina desde os seus primeiros fundamentos. O compendio do snr. Grandauer recommenda-se pela abundancia dos problemas, pela graduação rigorosa d'elles, por uma excellente execução, emfim: pelo seu preço economico. Consta de 120 folhas, distribuidas por 12 cadernos em tres escalas: *inferior*, *média* e *superior*; os cadernos são divididos em grupos de 10 folhas. A primeira e segunda escala enche os seis primeiros cadernos, dividindo-os em duas metades eguaes; a terceira occupa os seis restantes; tem pois a primeira escala 30 folhas; a segunda outro tanto e a terceira 60. Preço total: 1 florim e 30 kreutzer ou 750 reis.

Faremos apenas uma rapida caracterisação do compendio, porque já foi miudamente analysado em outro lugar. (*Reforma do ensino de desenho*. Porto, 1879, pag. 52-64).

(Continúa).

SE ANTES DA INVASÃO ROMANA HAVIA UMA ARTE ENTRE NÓS

O problema, enunciado na epigraphe d'este escripto, foi ha pouco resolvido por alguns archeologos francezes n'um sentido, inteiramente opposto á opinião



que por vezes tenho sustentado ¹, o que me obrigou a tomar parte no debate.

Dando algum desenvolvimento á historia d'esta discussão, entendo que não serei desagradavel aos leitores da *Arte Portuguesa*.

Tempos depois da visita, que alguns membros do Congresso Antropologico de Lisboa fizeram á Citania, escrevia-me o snr. H. Martin: «Os baixos relevos tão interessantes da Citania são decididamente menos antigos, do que nós os julgáramos. E' com as antiguidades escandinavas que elles teem relações e ha motivos para os attribuir aos Wisigodos e aos Suevos. Os Godos e diversas outras tribus escandinavas adoptaram symbolos muito mesclados, já dos Orientaes, já dos Celtas.»

Segundo se depreheende d'um artigo, *La Citania de Briteiros*, publicado mais tarde na *Revue Archeologique* (setembro de 1881), o snr. H. Martin na sua carta não exprimia propriamente a sua opinião pessoal, mas a de alguns sabios francezes, cujo nome eu ignoro, devendo sómente acreditar que entre elles se distinguem os directores d'aquelle excellente jornal, os quaes, não é inutil dizel-o, conhecem os nossos baixos relevos apenas por photographias.

Eu pedi licença para discordar d'uma decisão, que contrariava tão formalmente o meu modo de ver, e expuz algumas objecções, que o snr. H. Martin teve a bondade de reproduzir no artigo a que acima alludi.

Vou resumir as objecções principaes.

Primeira. Na Citania, d'envolta com restos d'uma portada, ornamentada no estylo que se diz germanico, appareceu uma padeeira que fazia parte da mesma portada, e onde se lê o nome de CAMAL. Uma outra padeeira, muito semelhante a esta, contem o nome de CORONERVS, filho de Camal, e as letras d'esta inscripção, que são muito caracteristicas, remontam, segundo os mestres, ao primeiro seculo da nossa éra. Aqui teriamos então que na Citania existiu uma arte importada pelos Germanos, quatro seculos antes da entrada dos Germanos na Hispanha — o que não póde ser.

A esta objecção replicava a direcção da *Revue Archeologique* com a nota seguinte: «Os caracteres das inscripções (fig. 2 e 3) ² são indubitavelmente caracteres romanos; mas o snr. Sarmiento com certeza está em erro, attribuindo-os ao primeiro seculo da nossa éra. Seria isso, em todo o caso, um facto inteiramente particular a Portugal. Se elles são do primeiro seculo não condizem nada com as bellas fórmas d'esta epocha.»

A' opinião respeitavel dos directores da *Revue Archeologique* eu vou oppôr a opinião não menos respeitavel d'um sabio, que, alem de gozar da reputação d'um dos primeiros, senão do primeiro epigraphista da Europa, tem a vantagem de conhecer *de vista* não só os monumentos da Citania e de Sabroso, mas os d'uma grande parte da Hispanha.

¹ Principalmente no *Occidente* (II, 157-8). Especifico este jornal, porque o leitor que queira conhecer de perto a arte, de que se trata n'este trabalho, encontrará alli alguns *specimens* d'ella. Vid. tambem *Renascença*, pag. 44-5.

² A inscripção da padeeira *Camali* e da padeeira *Coroneri Camalia domus*, de que a *Revue Archeologique*, dá as gravuras.

Aqui está o que se dignou responder o snr. E. Hübner á consulta, que lhe fiz sobre o ponto em litigio:

«Fixar a data d'uma inscripção unicamente pelo caracter paleographico das suas letras é uma questão longa e difficil. Antes de nada, ha que attender aos logares, onde as inscripções são achadas. Se letras, como as de Camalus Coroneri apparecessem, por exemplo, sobre uma lapide de procedencia italiana ou franceza (em Lyon, Narbonna, etc.), poderia decidir-se com sobeja confiança que a fórma das letras um pouco compridas e esguias, que a ligadura do N e do E, emfim que o caracter em tudo rude da escripta era diverso da boa escripta da epocha d'Augusto. Mas na Lusitania, e mesmo em toda a Hispanha, é inteiramente differente. Aqui as inscripções da epocha d'Augusto são muito raras, quasi tão raras como as da epocha republicana, das quaes se conta um muito pequeno numero, achadas exclusivamente na costa oriental da peninsula e no valle do Betis. Sobre isto tenho eu feito um estudo especial. As dos sitios orientaes e meridionaes da Hispanha são, com pequena differença, do mesmo genero que as suas contemporaneas do meio dia da França; mas as do norte e do occidente estão n'um caso muito outro. Ahi, por toda a parte, os caracteres conservam um certo cunho barbaro, que só mais tarde se amoldou ás formas usuaes do imperio.

«Quiz-me sempre parecer, attenta a impressão geral que me deixou a civilisação d'estas regiões, que depois da conquista dos Romanos houve da parte d'esta gente, Astures, Gallegos e Lusitanos, um esforço tal qual, provavelmente forçado, para se assimilar aos costumes dos conquistadores, mas que por fim de contas a romanisação, por assim dizer, nunca pode vingar bem; não é preciso ir muito abaixo da superficie para logo descobrir a barbarie antiga. Depois, não é só á paleographia que havemos de pedir subsidios; temos de levar em conta a raridade mesmo das inscripções e sobretudo a sua extrema concisão.

«Nem um só *Dis Manibus*; nem uma das formulas, por toda a parte vulgares, *hic situs est* etc.; nenhuma indicações sobre a vida do defuncto ou do glorificado, sobre a sua posição civil; emfim um estylo inteiramente á parte, fora da influencia das leis e dos usos romanos. Em vista d'isto, eu tenho dicto para mim, que, se pouco depois da conquista os habitantes se tivessem submettido áquelles usos e leis, as suas inscripções haviam de seguir as regras geraes da epigraphia romana. Provas d'esta submissão não faltam de todo, é facto; são porém muito restrictas. E, a meu ver, tudo o que tem o cunho indigena deve ser considerado como anterior áquellas influencias e por consequencia como pertencendo, pouco mais ou menos, á epocha d'Augusto. Eu digo pouco mais ou menos, porque ninguem está no caso de precisar o tempo que durou a lucta entre a barbarie indigena e a civilisação estrangeira. Se v. quizer collocar o seu amigo Camalo e toda a familia d'elle, antes na epocha de Tiberio ou de Claudio, que na d'Augusto, não serei eu quem me opponha. Poderemos mesmo dizer que a fabricaão das vazilhas com as marcas *Arg-us* ou *Airg-us Camalus* é possivel que durasse até o fim do primeiro seculo; mas d'ahi por deante eu nem sequer accredito que houvesse na Citania, em Sabroso e em Santa Iria, um numero d'habitantes d'importancia mesmo relativa. E'

pois a impressão d'um complexo de factos, tanto positivos, como negativos, que me levou a acceitar com plena confiança a data que v. attribuiu aos monumentos epigraphicos da Citania. Mas esta data, a meu juizo, acaba de ser inteiramente confirmada pelo exame paleographico. Eu nunca vi na Hispanha, em inscrições do segundo seculo, um M tão escachado e tão mas-súdo, como os que se encontram em *Camali* e em *Domi*¹; o E de *Coroneri* conserva a antiga egualdade das tres linhas transversaes; os R R teem o apendice quasi inteiramente direito e a todas as letras faltam os *apicas*, os angulos pontudos no cimo e na base dos traços e emfim todo o aspecto elegante e perfeito da escripta epigraphica romana, a partir do segundo seculo. Não repetirei aqui que os ornatos architectonicos da Citania e de Sabroso teem para mim, como para v., o character inteiramente primitivo, celtico, ou, melhor, luzitano, sobretudo indigena (v. sabe que eu sou um partidario convicto das civilisações indigenas, e que, em cousas d'estas, desconfio de toda a importação que não tenha a seu favor provas decisivas). Seja porem qual fôr a sua origem, não foram com certeza os Alanos ou os Suevos do v seculo quem construiu as paredes, os envasamentos e menos ainda as cabanas da Citania — elles que não deixaram na Hispanha um só monumento architectonico, a não ser algumas pequenas basilicas.»

D'estas reflexões, a tantos respeitos instructivas, resulta que no entender do snr. E. Hübner, se dá com a inscrição *Coronero* um dos casos, previstos pelos directores da *Revue Archeologique*: as letras d'esta inscrição, sendo do primeiro seculo, sem condizerem com as bellas formas da epocha d'Augusto, se não constituem um facto particular a Portugal, constituem um facto applicavel a Portugal, o que para o nosso ponto vale o mesmo.

Escusado é accrescentar que, se os sabios francezes, aos quaes, com a devida auctorisação, communiquei a carta do insigne epigraphista de Berlim, assentirem á doutrina que n'ella se estabelece, como penso que succederá, a hypothese da procedencia germanica dos nossos baixos relevos fica completamente morta.

Em todo o caso vou dar conta d'uma segunda objecção, que o snr. H. Martin egualmente reproduziu no seu artigo, e faço-o sobre tudo, porque ella offereceu ensejo ao sabio archeologo para me oppôr nova replica, bem que em terreno muito diverso do dos seus collegas.

Segunda objecção.

Em Sabroso, onde se encontram baixos relevos identicos aos da Citania, não se descobre o minimo vestigio d'influencia romana, um só fragmento d'obje-

¹ O snr. E. Hübner allude á inscrição, ultimamente encontrada na Citania, e que teve occasião d'examinar quando no verão passado visitou aquellas ruinas. Eis o seu *fac-simile*, pouco mais ou menos:

AAI · DOMI ·

Na segunda linha ha um nome muito apagado, que o snr. Hübner en tendeu ser CATVRO.

ctos d'industria romana, e pelo contrario são abundantes os objectos d'industria pre-romana, especialmente fragmentos de ceramica, chamada celtica¹. Admittir que Sabroso foi habitado durante a dominação germanica, sendo d'então que datam os baixos relevos d'estylo germanico, é uma hypothese inaceitavel, pois que se não pôde accreditar que os seus habitantes, quer germanos, quer indigenas germanizados, apenas nos deixassem reliquias da sua architectura e nenhum objecto mais, um só fragmento de qualquer objecto d'industria, dominante nos seus tempos.

(Continúa).

Guimarães.

F. MARTINS SARMENTO.

DESENHOS

COBERTURA METALICA DO PATEO DO EDIFICIO DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DO PORTO. — Projecto, em execução, de Thomaz Soller

A *Arte Portuguesa* publica hoje o projecto da cobertura metalica do pateo do palacio da Associação Commercial do Porto, obra planeada pelo architecto o snr. Thomaz Augusto Soller, actual director dos trabalhos d'aquelle edificio.

Essa cobertura, cujo assentamento se acha já bastante adiantado, deve ficar concluido dentro de poucos mezes, e d'ella vamos fazer uma rapida descripção, servindo-nos para isso da memoria elaborada pelo respectivo architecto e apresentada previamente á direcção d'aquella associação.

Em consequencia do peso especifico da cobertura e do impulso dos maximos ventos, o architecto julgou prudente aliviar as paredes de toda essa carga, fazendo-a por isso sustentar em columnas de ferro fundido as quaes exercem ao mesmo tempo as funcções de conductoras das aguas pluviaes recebidas na superficie exterior da cobertura.

A armação é de ferro fundido e laminado, sustentando-a vinte e quatro columnas dispostas em volta do pateo, á distancia de 0^m,40 das paredes e tendo 15^m,85 de comprimento; são ligadas ás paredes na altura da cornija do primeiro andar por meio de uma placa intercalada entre as columnas sobrepostas e a qual penetra no interior dos capiteis pela parte superior. Essa placa é fixada por meio de um gato cravado no interior das paredes, ao nivel da parte superior da cornija, ficando portanto occulta por ella.

As columnas são fixadas na base de um modo identico pela parte interior, e de forma a não ser vista a sua ligação pela parte exterior.

Na parte superior das paredes assenta um freixal composto de duas fortes cantoneiras collocadas em volta do pateo e unidas por chapas e cantoneiras transversaes aos capiteis das columnas, sendo ligadas intermediariamente entre si por um encruzamento de barras de ferro. N'este freixal assentam os pés de

¹ Sobre o character archaico dos achados do Sabroso pôde vêr-se *Renascença*, pag. 118-25.

vinte e quatro arcos em quarto de circulo, collocados na direcção de cada columna, tendo todos as mesmas dimensões e sendo calculados para supportar nas suas extremidades livres a carga total da estructura metalica, assim como a sobre carga dos maximos ventos, tudo avaliado em 80:000 kilogrammas. Estes arcos são formados por cantoneiras com montantes e uma chapa d'alma, recortada, para ornamentação. As extremidades livres dos arcos são apoiadas sobre uma viga de chapa lisa de 1,^m 25 de altura. Sendo esta ligação destinada a suprimir o esforço, os consolos são reforçados por meio de contrafortes, ficando o console de chapa interior encoberto por uma outra de ferro fundido em misulas.

Os intervallos dos consolos são destinados a representar em pintura diferentes ornamentos.

Sobre a parte superior da viga é collocada uma chapa horisontal de 0,^m65 de largura para combater o esforço lateral e ao mesmo tempo receber uma cornija ornamentada, de ferro fundido, encobrindo as extremidades inferiores das asnas. Estas são feitas de cantoneira e barras de ferro chato em fórma de cruz de S. André, sendo a sua altura média 0,30 — 35 em baixo e 25 em cima — convergindo no centro a um arco solido de viga, servindo de apoio ao lanternim e collocado de forma a suportar a pressão total da estructura. As asnas são ligadas entre si por seis ordens de madres construidas com vigas de 0^m,12 sobre as quaes se apoiam os ferros destinados a receber os vidros. A parte inferior das asnas formam no exterior uma parede vertical com um painel de ferro fundido aberto para a ventilação.

Consoles exteriores, ligadas ás asnas, formam o prolongamento da cobertura e impedem que as aguas pluviaes entrem no edificio. A base do lanternim tem uma ornamentação analoga para facilitar a ventilação.

Uma grande peça destinada a illuminar o pateo completa a ornamentação, ligando ao mesmo tempo o conjuncto das asnas semi-circulares do lanternim.

As asnas rigidassentes sobre a viga fixada nos arcos da base somente pelo seu peso, não exerce esforço lateral de especie alguma sobre as paredes e a forma poligonal da estructura, a ligação das madres, a viga de base e o freixal dos mesmos, destroem absolutamente qualquer esforço que ainda possa existir.

A estructura d'esta cobertura é baseada nos respectivos calculos de resistencia dividida pelos arcos em quarto de circulo, pernas d'asnas, madres, ferros para receber vidros, esforço lateral das asnas e columnas.

O pezo de todo o ferro forjado e fundido applicado n'esta armação é de: peças fundidas 54:644 killos, peças forjadas 49:182. Total 103:826 killos.

As dimensões são: comprimento e largura do vão cuberto, 25^m,0; distancia média de eixo a eixo das columnas, como indica a planta, 3^m,60; altura da base do capitel, 15^m,85; distancia das columnas ao eixo da face interior das pilastras de granito que guarnecem o atrio, 0^m,40; altura da cornija á parte superior da lanterna, 12^m,00; largura do lanternim 4^m,00; parte da armação destinada a ser coberta de vidro 17^m,70 em comprimento e largura; altura no eixo ao nivel da parte inferior do lanternim, 4^m,30.

A construcção foi adjudicada em concurso, á fabrica dos snrs. João Burnay & C.^a, de Lisboa, pelo preço de 17:000\$000 reis e representa ella, no seu genero, a obra mais importante que se tem feito em officinas portuguezas até hoje.

A decoração em pintura d'esta cobertura será em estylo Pompeiano. Na parte superior da cornija levará as armas de todos os paizes commerciaes e nos quatro angulos da parte envidraçada serão representadas em figuras decorativas as quatro partes do mundo. A parte restante da cupula deve ser decorada com diversos ornatos a côres.

O vidro a empregar será branco fosco, com ramuras em losango.

BEM ME QUERES, MAL ME QUERES. — Estatua em marmore, de Simões d'Almeida

Esta obra de arte, executada em Roma em 1871 pelo snr. José Simões d'Almeida, actual professor de dezenho da Academia de Bellas Artes de Lisboa, e propriedade do mesmo estabelecimento, é a ultima prova enviada pelo referido artista como pensionario do Estado, no estrangeiro.

O assumpto, como claramente se vê do titulo, é essa graciosa lenda tão conhecida de todos nós. A flôr, como que representa um oraculo que a donzella consulta, despregando uma a uma as petalas em que se encerra a mysteriosa revelação dos seus candidos amores.

Esta estatua, cuja copia damos segundo um dezenho do snr. Soares dos Reis, figurou em uma das exposições da Sociedade Promotora e na de Madrid de 1881.

A SEARA—Quadro de Silva Porto

Este quadro, propriedade da Academia Portuense de Bellas Artes, é tambem uma das obras da ultima remessa do actual professor de paizagem, da Academia de Bellas Artes de Lisboa, o snr. Antonio Carvalho da Silva Porto, quando pensionario do Estado no estrangeiro para o estudo de paizagem.

Representa uma seara dos arredores de Pariz e foi pintada em 1879. Mede 1^m,50 por 70.

Esteve patente nas exposições: da Sociedade Promotora das Bellas Artes, de Lisboa, em 1880; na de Madrid, de 1881; e ultimamente na trienal da Academia Portuense.

O dezenho que publicamos, é do snr. Marques de Oliveira.

CEPHALO E PROCRIS.—Quadro de Marques de Oliveira

É igualmente a ultima remessa enviada pelo snr. João Marques da Silva Oliveira, na qualidade de pensionario do Estado, no estrangeiro, para o estudo de pintura historica.

O quadro do snr. Marques de Oliveira pertence tambem á Academia Portuense de Bellas Artes, de que foi alumno e de que hoje é professor interino, na cadeira de dezenho.

Foi pintado em Pariz em 1879 e mede 2^m,20 por 1^m,60.

O assumpto da composição resume-se na seguinte passagem de Ovidio:

Cephalo partindo um dia para a caça foi occultamente seguido por sua esposa Procris. Cephalo ouviu ruído na folhagem e julgando que alli estivesse alguma fera, arremessou o venabulo n'aquella direcção, matando involuntariamente a esposa.

O quadro de que se trata exhibiu-se nas Exposições da Sociedade Promotora, de Lisboa, em 1880, na de Madrid em 1881, e ultimamente na trienal do Porto.

O dezenho que publicamos, é do proprio author.

MANOEL M. RODRIGUES.

A LAPIDE DE BRONZE DE LEÇA DO BALIO

Os desenhos que publicamos, e cuja fidelidade e exactidão característica podemos garantir, dão uma ideia clara do importante monumento do venerando mosteiro. São muito raras as obras d'esta natureza, que possuímos no paiz. Conhecemos além d'este exemplar só mais dous em Evora, na igreja dos conegos seculares de S. João Evangelista, de que logo fallaremos. Um terceiro specimen foi retirado em 1867 da igreja pela familia Cadaval, padroeira.

Tanto na Allemanha como em França são vulgares. O notavel antiquario M. J. Weal de Bruges chegou a reunir uma collecção de mais de 1500 decalcos de lapides allemãs, na maior parte. A cidade hanseatica de Lübeck, e nos Paizes Baixos a cidade de Bruges foram os principaes centros de produção d'este genero de trabalhos, que se exportavam para toda a parte. Em França foram a Champagne e a Isle de France as terras que mais se distinguiram n'esta industria. A cidade de Chalons sur Marne p. ex. tem dentro de seus muros centenas de lapides de bronze (*plaque tumulaire*, em inglez *monumental brass*, *lapis funeralis auricalcius*). A mais antiga que se conhece, existe na Allemanha, na igreja de Santo André na cidade de Verden, com a data 1230. Em Inglaterra apparecem exemplares curiosos em que o metal recortado, figurando o desenho, está embutido na pedra; o nome que ali se encontra nos documentos inglezes (*cullen-plattes*, isto é *Cöllen-platten*) indica a procedencia allemã, de Colonia, cidade que possuia o exemplar mais admiravel conhecido. Tinha quatro metros de comprimento sobre tres de largo; foi destruido, mas ha d'elle decalcos. Outros ha em que os traços da gravura estão cheios de uma resina vegetal com *polychromia*, imitando o esmalte.

O systema de ornamentação das lapides varia pouco, mas a caracterisação das figuras é feita com grande arte, em poucos traços; as roupas, tratadas em estylo largo, fornecem bons elementos para o estudo dos costumes. A figura do fallecido está geralmente mettida dentro de um encaixe architectonico, uma especie de nicho de estylo gothico que termina em um pinaculo triangular com flor crucial; por debaixo um baldachino que parece cobrir a cabeça do defunto, armado de todas as peças e com os pés apoiados sobre um leão, symbolo da força, ou sobre um cão, symbolo da fidelidade. Na borda da lapide corre a inscripção tumular com o nome, estado e idade do fallecido. Estão n'este

caso quatro lapides de cavalleiros armados e suas damas na igreja já citada de Evora; estas lapides são porém de pedra, com as figuras gravadas a cinzel, mas todos os quatro desenhos são evidentemente copiados do padrão, ou typo commum das lapides usuaves de bronze, que acima descrevemos. Um par não possui inscripção, mas no outro dá-se o facto contrario; pertencem todas as quatro a individuos da familia Mello e suas esposas. As duas lapides de bronze não estão na igreja, mas sim na capella de Nossa Senhora do Rosario e são de dimensões deseguaes. Uma d'ellas cobre os restos de Ruy de Scuzza, senhor de Sagres e Beringel, fallecido a 2 de Maio de 1498, em Toledo (a lapide diz por engano 1476). Jaz ao lado de sua segunda mulher D. Branca de Vilhena. A figura da dama está dentro de um nicho gothico, como o que acabamos de descrever. É uma gravura primorosa, com inscripção gothica na borda da chapa. A lapide do marido está toda coberta de uma elegantissima laçaria, composta de elementos vegetaes, sem figura alguma; na orla tem uma longa inscripção gothica, que não reproduzimos por falta de espaço. Podemos comparar estes trabalhos aos mais perfeitos que temos visto em Allemanha e França. Infelizmente, não podemos garantir que sejam nacionaes. As inscripções em portuguez não são prova bastante para isso.

Ruy de Souza, depois de fazer grande figura em Africa, durante os reinados de D. Affonso v, D. João II e D. Manoel, andou longos annos por fóra do reino, em Inglaterra, Hespanha, etc., occupado em importantes negocios diplomaticos. É provavel que trouxesse comsigo as lapides, depois de alguma d'essas missões. O erro na data do fallecimento faz presumir que a lapide foi executada em vida do fallecido; é talvez a data da factura da obra; um facto identico deu-se com a data da sepultura de Damião de Goes, em Alemquer.

Voltando á lapide de Leça do Balio, notamos em primeiro logar que ella differe do typo commum. Figura um quadro que tem dentro uma inscripção em letra gothica do seculo XIV. A larga moldura do quadro é que dá importancia á lamina.

O motivo da parte inferior compõe-se de escudos heraldicos e figuras phantasticas, montando animaes não menos phantasticos e tocando varios instrumentos. Explicar o symbolismo, caracterisar as figuras, isso daria assumpto para outro artigo. Sobre os instrumentos temos concluido um estudo especial em que os comparamos com os que se acham retratados em outros monumentos, sarcophagos, codices, etc., do seculo XIV e XV, dispersos pelo paiz. Do lado direito e esquerdo do quadro estão varios evangelistas, (a que se referem alguns dos symbolos da base) e outros santos. Na parte superior vemos do lado esquerdo o Padre Eterno com o Christo crucificado sobre os joelhos, que dous anjos em adoração perfumam com thuribulos. Do lado direito, em correspondencia, a *Anunciação* n'uma forma muito rara na iconographia da Virgem: o menino Jesus voando sobre um raio, que parte da bocca do Padre eterno para o collo de Nossa Senhora. Os nichos em que estão collocados os santos, o throno do Padre eterno á esquerda e o da virgem á direita, tudo revela a architectura do estylo gothico primario. A lapide tem uma longa inscripção, cujos

caracteres concordam com outros de uma lapide de pedra da interessantissima capella da familia de Balsemão, perto de Lamego. Não a publicamos aqui por falta de espaço; pôde lêr-se por extenso (mas com algumas variantes orthographicas) na *Memoria historica da antiguidade do mosteiro de Leça* pelo Abbade Velho de Barboza, pag. 57-58. A lapide não é tumular; foi posta alli como *memoria*, porque o corpo do Prior Dom Frei Estevão Vasques Pimentel está enterrado no chão da capella, em campa raza. A inscripção recorda as virtudes do fallecido, os seus titulos, as suas longas peregrinações e a fundação do mosteiro. A lapide é provavelmente trabalho francez. O Prior andou muito por França, no tempo de D. Diniz, como embaixador junto do papa, que então residia em Avignon. A fórma em que o artista desenhou a Annunciação e que é rara, como dissemos, apparece ainda assim com mais frequencia em illuminuras francezas do seculo XIV, e ainda n'uma pintura em taboa do seculo XVI no sul da França, em Aix na Provence, região a que pertence tambem a celebre cidade de Avignon.

Esquecíamos de dizer que o Abbade Barboza descobriu ainda ha cerca de trinta annos claros vestigios de douramento da lapide. Teria ella polychromia, ou incrustações de *mastica*, de resina vegetal, que lhe dariam então o bellissimo aspecto de uma lapide esmaltada?

O nosso digno consocio sr. Soares dos Reis tirou um bom modelo em gesso d'esta lapide, que esteve exposto na 1.^a Exposição d'esta sociedade. E' esta a primeira publicação que se faz de tão curiosa reliquia.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

DA PINTURA ANTIGUA

POR

FRANCISCO DE HOLLANDA

LIVRO SEGUNDO

PROLOGO

Principiamos hoje a publicação da parte mais interessante de um manuscripto inedito do nosso notavel illuminador do seculo XVI. Em outro logar descrevemos miudamente este e todos os mais manuscriptos do auctor, *Archeologia artistica*, fasc. VI, que temos estudado ha bastantes annos para uma edição completa, começada em 1879.

Os *Quatro Dialogos* em Roma, que agora vamos publicar, extrahidos do Livro II, podem dizer-se ineditos; nunca foram impressos em portuguez; ha d'elles apenas um fragmento traduzido em francez e publicado pelo Conde de Raczynski em 1846. Esta traducção, assim como a traducção de outros fragmentos do mesmo auctor, é infiel em muitos pontos, muito incompleta, e não poucas vezes contraria ao sentido do texto. Já provamos tudo isto (op. cit.). O texto completo do presente manuscripto sahirá até meado do proximo anno, com um estudo sobre a vida e obras de Francisco de

Hollanda. Os desenhos de Italia, a que o artista se refere, salvaram-se, felizmente, e estão guardados n'um codice grande da Bibliotheca do Escorial. Já os descrevemos em outro logar (op. cit.; vid. tambem a revista *A' Volta do Mundo*, vol. I, pag. 271-273). Estamos em negociações com uma casa importante do estrangeiro para a publicação integral d'essas reliquias artisticas (mais de 100 desenhos), ficando assim completa a edição de todas as obras de Hollanda, que nos restam. (Sobre as perdidas, v. op. cit.).

Dissolvemos as abreviaturas e regularisámos a pontuação, respeitando em tudo o mais as particularidades caracteristicas do texto, *italianismos*, *hispanismos*, etymologias populares etc. Cortamos, por falta d'espaco, os commentarios sobre theoria e philosophia da arte que o texto provoca, a cada passo, limitando-nos a illustrar apenas um ou outro facto historico. A nossa edição critica satisfará essas condições.

Os *Quatro Dialogos* serão publicados sem interrupção, em numeros seguidos.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

Se me Deos desse a escolher livremente entre todas as graças que repartiu com os mortaes, qual mais queria ter ou alcançar, nenhuma outra lhe pederia depois da fé senão o alto entendimento de pintar illustremente, nem por ventura n'esta quereria ser outro homem senão este que sou. De que muitas graças dou eu ao immortal e soberano Deos por me n'este grande e confuso mundo dar alguma pequena de luz nos desejos da altissima pintura, pola qual, a nenhum outro dote em mais honor e reverencia tenho polo seu grande merecer.

Mas de uma cousa he infamada Spanha e Portugal, e esta he que em Spanha, nem em Portugal, não conhecem a pintura, nem fazem boa pintura, nem tem seu honor a pintura; e vindo eu de Italia ha pouco tempo trazendo os olhos cheos da altura do seu merecimento e os ouvidos dos seus louvores; conhecendo n'esta minha patria a grande deferença com que esta nobre sciencia he tractada, determinei me bem como fez Cesar ao passar do rio Rubicon, o qual era mui vedado com armas aos romãos, assi eu (se me he licito comparar, sendo pequeno, com homem tamanho senhor) me ponho como verdadeiro cavalleiro e defensor da alta princeza pintura, offrecido a todo o risco por defender o seu nome, com minhas poucas armas e possibilidade. Posto que tendo eu o favor de V. Alteza, muito alto e serenissimo Rei e Senhor, tão entendido em todas as cousas nobres e sciencias, não farei muito em vencer tudo, inda que tão poucos são os contrarios que me não era tanta ajuda necessaria. Porém porque cuidam alguns que eu me despreso de ser pintor, não tendo eu outra môr presumpção nem honra (despois de ser christão) que os desejos de o ser, eu entendo de mostrar n'este segundo livro quão honrada e nobre cousa he ser pintor e quão deficel e de quanto serve e val a illustre e mui necessaria sciencia da pintura na republica, no tempo da paz e no da guerra e os preços e valia d'ella n'outras provincias, por maneira de um dialogo.

(Continúa)

CHRONICA

Chamamos a atenção dos leitores para a Explicação contida na capa do presente numero.

—Na sua sessão de 17 de dezembro ultimo, a Direcção do Centro Artistico Portuense resolveu promover em setembro do corrente anno, a segunda exposição annual de bellas-artes, cujo programma se publicará opportunamente.

A' exposição referida serão admittidos os trabalhos de artistas nacionaes e estrangeiros.

A secção de arte applicada á industria será unicamente representada este anno por estampas.

—Deve ser publicado em breve, no *Diario do Governo* o programma do concurso para provimento da cadeira de desenho da Academia Portuense de Bellas-Artes, vaga pela aposentação concedida ao digno secretario da mesma Academia, o snr. Thadeu Maria d'Almeida Furtado.

A cadeira de que se trata está sendo interinamente regida pelo academico de merito e nosso consocio, o snr. João Marques da Silva Oliveira.

—No mez passado abriu-se em uma das salas da Sociedade de Geographia, de Lisboa, uma exposição de pinturas de alguns moços que na capital professam ou se dedicam ao estudo das bellas-artes.

O numero de quadros exhibidos é de 73, sendo os seus auctores os snrs. Christiano da Silva, Gyrão, Malhóa, Martins, Pinto, Ramalho Junior, Silva Porto, Vaz e Vieira.

D'essa exposição foi publicado pelo snr. Alberto d'Oliveira um catalogo illustrado com 24 reproducções, por meio da gravura chimica, de desenhos originaes dos auctores de varios quadros expostos.

Celebramos, com o maior jubilo, mais esta tentativa efficaz para o desenvolvimento do bom gosto. E' com estes certamens que se incita o estudo dos artistas e se move o apreço publico pelas bellas-artes.

—O pensionado do Estado no estrangeiro, e laureado alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes, o snr. Henrique Pouzão, acaba de obter mais uma medalha no concurso de desenho pelo antigo, effectuado na Escola de Bellas-Artes, de Paris, no mez de novembro ultimo.

Felicitemos, pelos seus progressos, aquelle nosso amigo e consocio.

—Foi ultimamente vendido no palacio Drouot, de Paris, o quadro de Rubens «Os milagres de S. Bento», proveniente da herança Tencé, de Lille. O quadro foi adquirido pelo rei dos Belgas, que já possuía uma copia d'essa obra prima, feita por Eugenio Delacroix, por 170:000 francos, ou 30:600\$000 réis da nossa moeda.

As folhas francezas lamentam que a tela referida, de um character muito particular e que recorda, como factura, a *Kermesse*, existente no Louvre, não fosse comprada pelo governo francez, que ainda assim chegou a fazer uma offerta, mas não superior á quantia por que o quadro foi vendido, o qual o rei dos Belgas estava resolvido a adquirir por todo o preço.

—No leilão effectuado em Paris, em que se vendeu o quadro de Rubens, «Milagres de S. Bento», foram igualmente arrematados mais os seguintes quadros,

pertencentes á collecção de pinturas antigas do snr. Tencé, de Lille.

Batedor e seus cães, por J. Jordaens, foi vendido do muzeu de Lille por 1:998\$000; *Vista da planicie de Harlem*, de Van der Meer, vendido por 720\$000; *A entrada da floresta*, de P. Potter, por 1:562\$400; *Os dansarinos*, de David Teniers, por 1:260\$000; uma paisagem, do mesmo, por 1:116\$000; uma paisagem, effeito de neve, de P. Wouwerman, por 419\$000; *Festa rustica*, de Dusart, por 500\$200; *O Moinho*, quadro no genero de Hobbema, por 120\$000; *Flores em um vaso*, de Mario di Fiori, por 255\$600; *Interior de Egreja*, de Peter Neefs, por 234\$000 reis.

—A snr.^a Esther Leclère, em nome de seu finado irmão Achilles Leclère, membro da Academia de Bellas-Artes, fundou um premio annual do valor de 180\$000 reis, destinado ao auctor do melhor projecto de architectura, sobre um assumpto posto a concurso pela Academia. O assumpto d'este anno é: um hypodromo e suas dependencias. São só admittidos artistas francezes que não excedam a 30 annos de idade.

—A cidade de Lille, que realisou no verão passado uma brilhante exposição de bellas-artes, organisa uma exposição internacional da arte industrial, que deverá abrir-se no dia 15 de março de 1882, no Palacio Rameau.

—Na Academia de Bellas-Artes, de Paris, principiou ultimamente a discussão de diversas propostas relativas ás modificações que se pretendem introduzir na Academia Franceza, em Roma.

Essas modificações versam sobre o regulamento interno da Villa Medicis, visto os inconvenientes que se lhe reconheceram.

Pretende-se tornar mais efficaz a auctoridade do director da escola, permitindo-se-lhe a sua intervenção dentro de certos limites na escolha dos assumptos das obras d'arte, que os pensionistas téem de remetter annualmente para a Escola de Bellas-Artes, de Paris.

—A Academia portuense de Bellas-Artes vae tratar de assumptos referentes ao mesmo estabelecimento, para o que se acha organizado o respectivo conselho de aperfeioamento, que é composto dos professores os snrs. João Correia e Antonio Soares dos Reis, e dos academicos de merito os snrs. Thomaz Augusto Soller e João Marques da Silva Oliveira. Esta commissão, que é presidida pelo snr. inspector da Academia, foi nomeada conforme dispõe a ultima reforma, isto é, compondo-se de dous professores e de dous academicos de merito.

—O Circulo Artistico e Litterario de Bruxellas promoveu uma exposição de quadros e aquarellas da escola franceza, a qual se abriu no mez ultimo. O numero de obras expostas é de 74, e entre ellas extremam-se, segundo uma apreciação feita pela «Independencia Belga», *A leitura*, de Alfred Stevens; *Um Stradivarius*, de Norbert Goenette; *Na escola*, do mesmo auctor e *Ponte Royal, em Paris*, effeito de chuva, aquarella do referido artista; *Sobre o rochedo*, de P. M. Beyle; e do mesmo auctor, duas aquarellas intituladas *Os inseparaveis* e *Na Primavera*; de Ed. Dantan, uma vista do Salão de 1880; e outros quadros de Feyen-Perrin, de Delaunay, de Beraud, de Defaux, de W. Gegerfelt e de Baldomero Galofre.

Entre as aquarellas distinguem-se as de Emile Herson, Millet, Chaplin, Eva Gonzalez, E. Detaille e Dubufe.

— Reuniu-se em um dos dias do mez passado, o conselho superior da Escola de Bellas-Artes, de Paris, para examinar a questão da suppressão dos *ateliers* officiaes, planeada pelo ministro das artes, o qual na sessão referida, deu conta da sua ideia, explicando ao mesmo tempo a nova organização que pretendia dar á Escola e o desenvolvimento que queria imprimir aos cursos, de modo a crear um grande centro de instrucção, proprio não só a manter mas a elevar em França o nivel artistico a que aquelle paiz deve a sua manifesta preeminencia.

Travou-se em seguida larga discussão, pronunciando-se contra a suppressão dos *ateliers*, os snrs. Gérôme, Hebert e André. O snr. Gérôme leu além d'isso uma carta do snr. Cabanel, protestando igualmente contra a suppressão, apoiando-se para isso nos resultados obtidos pela actual organização. Accrescentou o illustre professor, referindo-se ao seu proprio atelier:

«Desde 1863 a 1881, conto nove primeiros grandes premios de Roma: Henri Regnault, Joseph Blanc, Blanchard, Lematte, Moreau, Besnard, Comerre, Chartran et Fournier, e no mesmo periodo, pelo menos um segundo premio todos os annos.

«Citarei tambem os premios do Salão; todos os premios de pintura tem sido obtidos pelos meus discipulos os snrs. Lehoux, Cormon, Sylvestre e Flameng.

«Accrescentarei a estes nomes alguns dos artistas que occupam o primeiro logar nas nossas exposições, os snrs. Henri Lévy, Humbert, Bastien-Lepage, Eugène Thirion, Raphaël Collin, Cot, Gervex, Courtat, Benjamin Constant.»

O snr. Cabanel concluiu exprimindo o receio de que o novo ensino proposto dê resultados inferiores ao antigo.

Os snrs. Charles Garnier, Lemoir e visconde Delaborde, apoiaram, pelo contrario, o projecto do ministro, o qual devia ser submittido a novo exame do conselho, a fim de se apreciar todos os planos preparados para a reorganização da Escola de Bellas-Artes, de Paris.

—O circulo artistico do Sena offereceu ha pouco, em Pariz, um banquete ao snr. Proust, ministro das artes, sendo o primeiro brinde levantado pelo snr. Lepère, presidente do circulo.

O snr. Proust, referindo-se em um judicioso discurso, ao seu plano de suppressão dos *ateliers*, esplanou as suas ideias sobre esse assumpto. Do discurso de que se tracta, transcrevemos o seguinte:

«... Nós não queremos fechar os *ateliers*, empregando para isso os processos a que se recorreu para os abrir. Deixaremos aos professores o tempo necessario para se proverem de *ateliers* fóra da Escola. Deixaremos aos alumnos que entraram para a Escola com a certeza de ahi receberem um ensino gratuito, o recurso de proseguirem nos *ateliers* livres os seus estudos começados, repartindo por esses *ateliers* a somma inscripta no orçamento para a sustentação dos *ateliers* da Escola. A regularização d'este assumpto é questão de alguns mezes. Dentro de alguns mezes, pois, a Escola de Bellas-Artes, reorganizada sob novas bases, to-

mará um caracter de escola superior, de escola imparcial de onde o ensino particular será rigorosamente proscripto. (Viva approvação).

Referindo-se á necessidade de se elevar a architectura ao nivel que deve attingir, o ministro das artes disse;

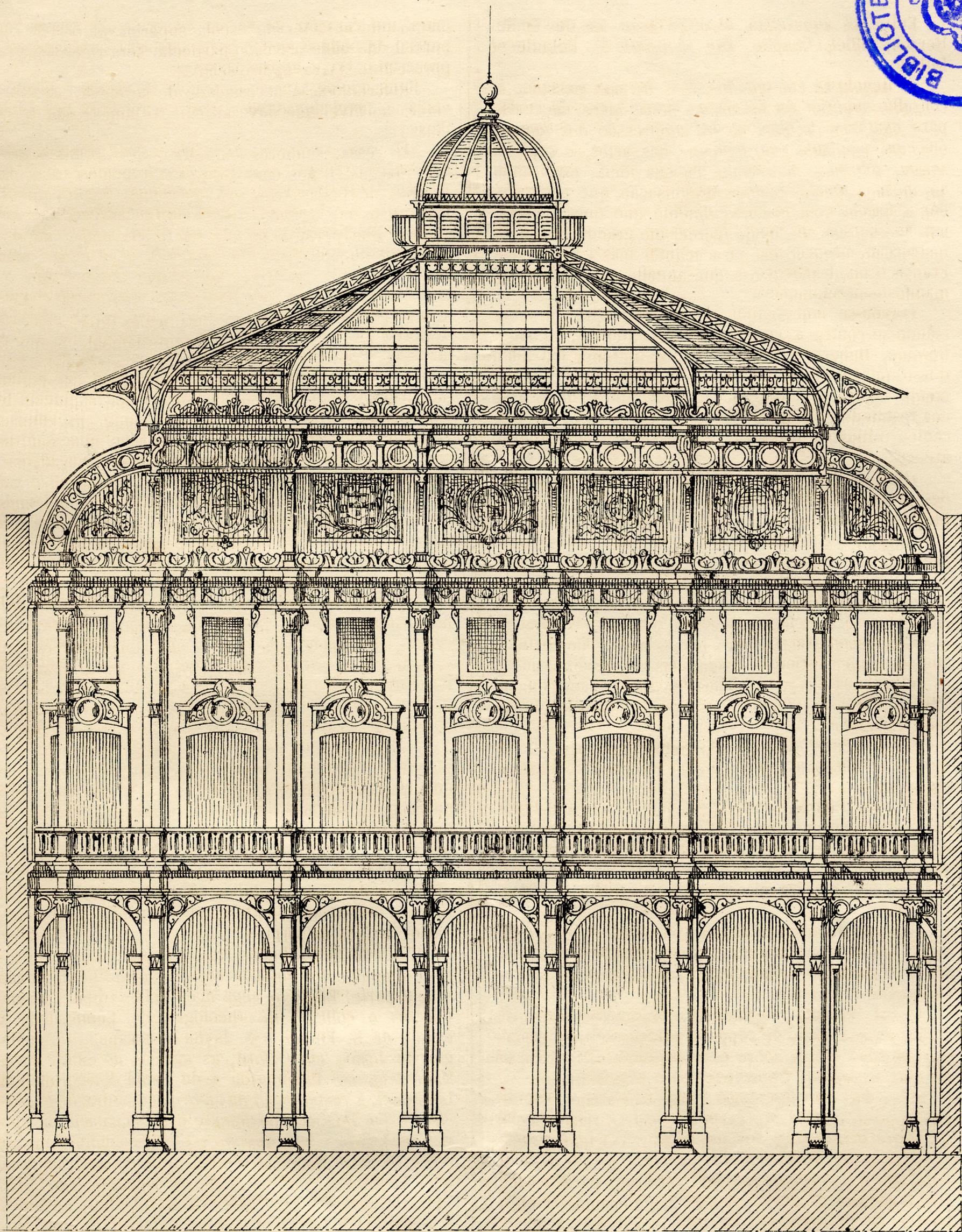
«E' essa, senhores, uma das nossas grandes preoccupações. E nos cursos que nos propomos crear na Escola de Bellas-Artes, nós queremos, reeditando os bons usos dos grandes artistas da Renascença, dar um ensino que permitta a cada um o ter, senão um conhecimento absolutamente completo, pelo menos uma noção de todas as artes, um ensino que colloque os artistas no caso de contribuir mais seguramente para a boa concepção das novas decorações interiores e exteriores. Parece-nos profundamente lamentavel que os artistas se intrinchem em uma das tres artes; na pintura, na esculptura ou na architectura e não tentem adquirir por estudos mais completos um conjuncto de conhecimentos que seriam eminentemente proveitosos ás artes e aos artistas. De resto eu acho uma sem razão o empregar-se esta expressão: «as tres artes». Se com effeito a arte é uma na sua inspiração, é variada e infinita nas suas manifestações e nós devemos ter essas manifestações em igual estima, desde a obra prima que traduz os mais nobres pensamentos até ao instrumento usual que nos seduz pela sua fôrma, pela sua côr e pelo seu dezenho. (Applausos).

Sentimos que a estreiteza do espaço não nos permitta transcrever na integra o sensato discurso do sr. Proust, no qual aquelle senhor pôz bem em relevo as suas ideias a respeito das reformas que projecta introduzir, acompanhando ao mesmo tempo essas ideias de considerações muito judiciosas não só com relação á pintura, esculptura e architectura, como á muzica.

— Falleceu em Londres o eminente architecto inglez Georges-Edmond Street, o qual professára um verdadeiro culto pelo estylo gothyco, cujas bellezas fizera apreciar no seu paiz não só pelas suas proprias obras architectonicas, como pela penna e pela palavra. Além de varias conferencias sobre a arte gothica, deixou dous livros um sobre a architectura em tijolo e em marmore do norte da Italia, na idade média, e outro sobre a architectura gothica em Hespanha, bem como varios artigos de jornaes.

E' a elle que a Inglaterra deve as principaes egrejas e monumentos gothicos construidos de ha 35 annos a esta parte. Entre os seus mais bellos trabalhos contam-se: o collegio de theologia, de Cuddesden, a igreja de S. Philippe e S. Jayme e a capella do collegio de Jesus, em Oxford, as egrejas de Santa Maria Magdalena em Paddington e de Santa Margarida em Liverpool, a restauração da nave da cathedral de *Christchurch* em Dublin e finalmente o novo palacio da justiça de Londres, que quando estiver concluido figurará entre os mais notaveis monumentos do genero. Esta obra foi-lhe confiada por meio de concurso, em 1868.

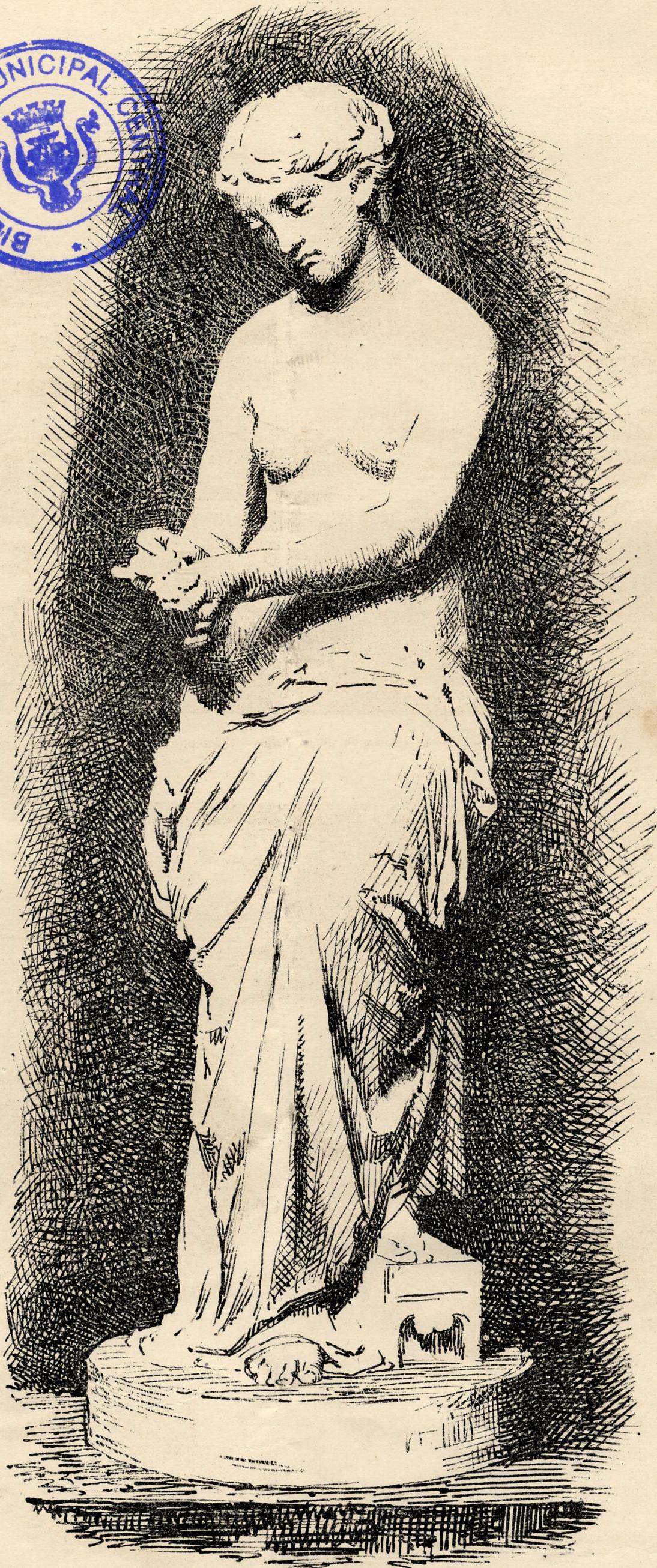
Os planos dos seus principaes trabalhos, enviados á Exposição de Paris de 1878, valeram-lhe uma medalha de 1.^a classe e a Legião de Honra. Era membro da *Royal Academy*, bem como da Academia imperial e real das bellas-artes de Vienna.



Anno de 1882

T. Soller .arch.^{to}

COBERTURA METALICA NO EDIFICIO DA
BOLSA DO PORTO



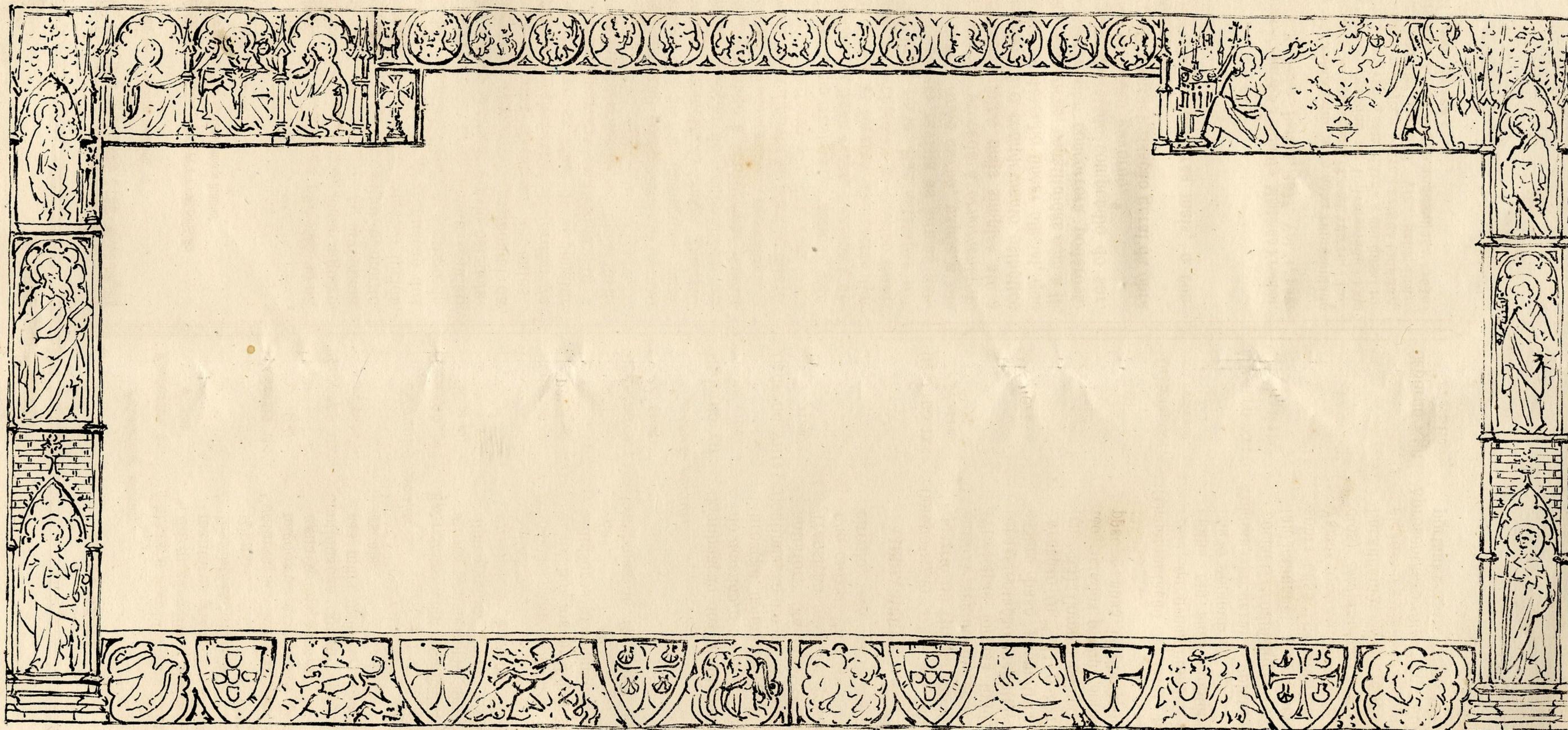
BEM ME QUERES, MAL ME QUERES
Estatua de Simões d'Almeida — DESENHO DE SOARES DOS REIS



A SEARA, quadro de Silva Porto — DESENHO DE MARQUES D'OLIVEIRA



CEPHALO E PROCRIS, quadro de Marques d'Oliveira — DESENHO DO AUCTOR



A LAPIDE DE BRONZE DE LEÇA DO BALIO — DESENHO DE SOARES DOS REIS

A ARTE PORTUGUEZA

A *Arte Portuguesa* publica-se mensalmente, formando cada numero um fasciculo de 12 paginas in-folio, sendo 4 de desenhos originaes.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Anno	1\$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »

Os snrs. assignantes que preferirem pagar por numero, podel-o-hão fazer, sendo o seu custo, 100 réis.

Para fóra do Porto não se tomam assignaturas senão pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da *Arte Portuguesa*, Francisco Aguiar dos Santos, rua da Boa-Vista, 73—Porto.

EXPLICAÇÃO

O Centro Artistico Portuense vem hoje acentuar mais uma vez a sua existencia e assignalar os seus vehementes desejos de se tornar util ao progresso das bellas-artes, emprehendendo a publicação da presente Revista, ordenada nos Estatutos por que se dirige, e promettida nos prospectos que se fizeram circular.

As difficuldades insuperaveis que se deram com relação a uma das partes artisticas assignalada no mesmo prospecto, a de ser acompanhado cada numero de duas grandes illustrações, impressas á parte, forçaram-nos a alterar o primitivo programma.

D'este modo, pois, os desenhos formarão quatro paginas, e o texto oito, obrigando-nos comtudo a cumprir a promessa que fizemos no prospecto, logo que possamos vencer as difficuldades que se antepozeram á realisação dos nossos desejos.

A falta referida será no entretanto compensada aos snrs. assignantes, pela diminuição do preço da assignatura, que sendo anteriormente de 3\$000 reis por anno, foi taxada em 1\$200.

Para melhor facilitar a aquisição da *Arte Portuguesa*, ás pessoas que a desejarem, poderá cada numero ser pago no acto da entrega, isto é, 100 réis, e as que pretenderem pelo contrario satisfazer por series, terão de fazer o respectivo pagamento por trimestres adiantados, pelo menos.

Dadas estas explicações, resta-nos certificar que pelo credito da propria Sociedade que emprehende esta publicação, *A Arte Portuguesa* aliará á seriedade da sua indole, todos os requisitos indispensaveis para que seja muito principalmente uma verdadeira Revista de bellas-artes. educadora do bom gosto publico, e proveitosa á generalidade dos artistas.

Este empenho mantel-o-hemos com a pureza de in-

tenções e convergencia de esforços que patenteamos no prospecto, que publicamos e do qual damos a ultima parte, para mais claro conhecimento do publico, do qual esperamos o auxilio prestante e necessario para compensar, pelo menos em parte, os sacrificios que o Centro Artistico vae fazer para a sustentação duradoura d'esta Revista tão necessaria como util.

I Secção pedagogica ou do ensino artistico:

A) Estado do ensino primario, secundario e superior:

a) Organisação dos cursos.

b) Regulamentos.

c) Material das aulas—Modelo d'uma officina de reproducção.

II Secção da Historia da arte nacional:

a) Tratados editos e ineditos.

b) Documentos subsidiarios (exploração dos archivos, cartorios publicos e particulares).

III Secção archeologica:

a) Explorações scientificas e artisticas.

b) Monumentos nacionaes (seu estado actual e conservação).

IV Secção bibliographica:

a) Revista critica dos trabalhos nacionaes.

b) Bibliographia geral artistico-archeologica, antiga e moderna.

V Noticias varias.